

FIOS NARRATIVOS DA EXPERIÊNCIA DE UM ESTUDANTE ESTRANGEIRO

NARRATIVE THREADS OF THE EXPERIENCE OF A FOREIGN STUDENT

Michelle Sauan¹

RESUMO: Este trabalho objetiva refletir sobre o papel da linguagem e da memória na construção da subjetividade estrangeira, em cuja narrativa se delinea o reflexo da identidade híbrida e moveável que o falante faz de si a partir da relação com o outro e com os entre-lugares que habita. Nesta pesquisa, selecionamos, na internet, o relato de um estudante brasileiro que faz curso de mestrado na Universidade de Coimbra e o analisamos a partir de alguns aspectos da materialidade linguística, procurando compreender as marcas e transformações que a vida na cidade tem produzido em sua subjetividade, em seu ponto de vista e, conseqüentemente, em seu discurso. Em meio à cosedura dos fios da narrativa dos fatos cotidianos, encontramos, nas experiências dele, a matéria-prima que afeta a sua vida, viabilizando a construção de efeitos de sentido de si, do outro e do mundo, de modo a se tornar ele, também, um ser outro.

Palavras-chave: Linguagem; narrativa; identidade; Coimbra.

ABSTRACT: This work aims to reflect on the role of language and memory in the construction of foreign subjectivity, in which narrative embodies the hybrid and changeable identity that the speaker creates from his relationship with the Other and in-between places he inhabits. In this research, we selected from the internet the narrative of a Brazilian student who is a Master's Degree candidate at the University of Coimbra and we analyzed it by looking at the aspects of its linguistic materiality, seeking to understand the impacts and transformations that life in the city has produced in his subjectivity, in his point of view and, consequently, in his discourse. In the midst of the narrative threads of everyday facts, we found, in his experiences, the raw material that affect his life, and makes it possible to construct the sense effects of self, of the Other and of the world, while becoming himself another being.

Keywords: Language; narrative; identity; Coimbra.

1 Introdução

Desde os primórdios dos tempos, o instinto humano, pela busca da sobrevivência, tem impulsionado o homem a percorrer incansavelmente o espaço geográfico, à procura de

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde desenvolve pesquisa sobre imigração, identidade, narrativas e memória.

melhores condições de vida. Ao longo dos milênios, à medida que tal fenômeno se intensifica, aprimora-se também por meio das tecnologias de transportes as quais facilitam os múltiplos deslocamentos, ao criarem para os corpos humanos extensões que lhes possibilitam romper as distâncias e os limites territoriais em que a mera capacidade física não daria conta sozinha. Desse modo, os pontos geográficos mais distantes do mundo se avizinham por meio de tais artificios. Com isso, é possível ao ser humano, por exemplo, ao se acoplar à potência de um avião, alcançar as nuvens em questão de minutos, e, em poucas horas, realizar a travessia dos oceanos. Logo, viajar e, até mesmo, (des)habitar este ou o outro lado do planeta se tornam não apenas opções viáveis, como escolhas cada vez mais comuns da população mundial.

Nas infindáveis redes de deslocamentos migratórios, múltiplos fios de experiências se produzem e se cruzam no cotidiano contemporâneo do século XXI. Contudo, apenas alguns são enlaçados, puxados e tecidos pela linguagem, perfazendo narrativas que dão existência e singularidade aos sujeitos, bem como às suas histórias. Somente na e pela linguagem, o estrangeiro é capaz de reconfigurar seu estatuto ontológico. Ao sair da mudez egóica, intro(a)duzindo o eu da experiência no discurso, o imigrante torna-se mais do que apenas número estatístico dos censos migratórios, podendo se construir como personagem de sua vida, ao se inserir e ao atuar num espaço outro, fabulando o tempo.

2 Desenvolvimento

Segundo Agamben (2008, p.23), é somente na narrativa do cotidiano do sujeito que a experiência é capaz de adensar, “como uma pérola, a autoridade”, de modo a conferir maturidade a este que se arrisca a entrar no plano discursivo para selecionar, enunciar, articular e historicizar as memórias acumuladas, lutando continuamente para dissipar a infância, aqui não como uma noção etária, mas como o lugar opressivo daquele que fica fora do discurso, da fala, a que se dá o nome de *infante*. Portanto, retomando Derrida (1996 apud GASTON, 2012, p.53) quando observa que “o hífen aparece para tornar dois *um*, mas esse dois-em-um também indica o que é sempre *mais de um*”, podemos entender que a linguagem se faz, neste sentido, esse traço que une e separa o infante x o homem (falante).

Ao mesmo tempo em que as experiências de imigração podem deixar rastros no espaço geográfico e traços na memória dos sujeitos, caso elas não entrem no registro simbólico da linguagem, podem se desvanecer com o tempo. Todavia, sendo simbolizadas e transmitidas a outrem, mais que se perpetuarem, elas produzem um tipo de conhecimento vivo, possibilitando que algo seja apre(e)ndido e reatualizado pelo interlocutor. Logo, no atual cenário, em que tantos brasileiros têm se interessado por trabalhar e/ ou estudar em Portugal, convém para nossa pesquisa que tragamos a voz (trans)nacional de um estrangeiro brasileiro no país lusitano por meio de sua narrativa, a fim de que seja possível a quem não teve tal vivência experimentar esse saber, tão singular e íntimo. Além disso, é um modo de resignificarmos as discussões sobre como as novas relações socioculturais incidem nas reconfigurações identitárias estrangeiras.

Com o fito de suscitarmos ainda mais o debate que já começamos a promover em nossa pesquisa de doutorado sobre “narrativas de estrangeiros em Portugal”, buscamos recolher pistas na internet que nos conduzissem a textos escritos ou, então, a relatos orais que nos abrissem brechas para alcançarmos tal propósito. De forma geral, encontramos apenas fragmentos de testemunhos sobre a vida lá até que chegamos a um documentário sobre as experiências de três estudantes estrangeiros em Portugal. O material interessou-nos mais pela articulação narrativa

coesa e pelo modo como os sujeitos e a linguagem claramente se transformaram no processo de alteridade com a cultura, com o lugar, com o outro. No entanto, para que este trabalho não se estenda em demasia, selecionamos apenas um dos relatos.

Destacamos que, no documentário, embora seja seguida a linearidade narrativa de cada participante, as falas dos três são alternadas de momento a momento, de modo que elas se intercalam uma pelas outras. Logo, para a reflexão que propomos, fizemos a transcrição de sua fala, juntando todos os trechos correspondentes ao participante cuja narrativa selecionamos. Ao longo desta reflexão, ainda que sejam trazidos excertos conforme a relevância deles para a discussão, o texto completo também será colocado anexo.

Ao semantizar os signos brutos do mundo por meio da linguagem articulada - uma vez que é impossível conhecer o “real” pelo fato de ele ser intocável, como diria Lacan, ainda que seja viável a aproximação dele por meio da mediação de significantes - o sujeito faz representações da espacialidade ambiental a partir das percepções corporais e afetivas experienciadas, registradas na memória (AGAMBEN, 2008; RICOEUR, 2007). Além disso, no processo de articulação linguística, o enunciador se faz sujeito, suturando, incessantemente, com o fio coeso do discurso, os fragmentos de sua imaginária identidade, que carrega sempre o mesmo e o diferente, transformando-se continuamente a partir da interação com o outro², sem o qual não existiria. Logo no início da narrativa, encontramos rastros linguísticos que atestam a tentativa de composição deste sujeito discursivo que ingressa na linguagem à procura de criar para si uma unidade, buscando alcançar a promessa da pretensa identidade, sempre adiada da coincidência consigo.

Olá, meu nome é Denner Déda Araújo Nune. Sou brasileiro, tenho 23 anos, quase 24. Sou natural de Aracaju, Sergipe. Faço mestrado integrado em Engenharia Química aqui em Coimbra. Estou no quinto ano e me envolvo com diversas outras coisinhas mais. Não é? Não escolhi Coimbra. Coimbra me escolheu. E hoje... foi... com certeza, uma das melhores coisas que já me aconteceram na vida... foi vir para essa cidade, foi ver essa abertura cultural que eu não imaginava ter, foi ter me confrontado com diversas outras coisas que eu não imaginava. Sabe? Coimbra me fez muito, e por isso eu quero fazer muito por Coimbra também no futuro.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjpgQ>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Ingressando no registro simbólico da linguagem, o eu enunciativo singulariza o seu lugar no discurso como Denner Déda Araújo Nunes, brasileiro, natural de Aracaju, Sergipe, tornando-se sujeito da identidade fictícia construída social e historicamente em seu imaginário. Assiste-se a tentativas de estabilização dessa identidade por meio da reafirmação do nome - convencionalmente recebido no nascimento -, da adoção da nacionalidade estabelecida pelo vínculo jurídico-político involuntário com o Estado Brasileiro, bem como da determinação do lugar de “origem” no próprio país, contudo há sempre nela a possibilidade de deslocamentos pelo acréscimo ou pela extração de um dos nomes, quem sabe até pela aquisição de uma outra cidadania, pelo estabelecimento de uma nova morada, pela alteração constante da idade, como

² Fink (1998) retoma, por via lacaniana, a ideia de que não há sujeito sem o Outro, resgatando as diferentes posições que o Outro ocupa nesse processo. Fala-se, portanto, em outro ou “outrinho”, trazido pela figura do semelhante, igual, rival, que já aparece na primeira fase do estágio do espelho, e o Outro ou “Outrão”, o terceiro elemento, na figura da lei, das regras, das normas, que instituem o sujeito no simbólico, sendo portanto, a linguagem, o desejo e o inconsciente, os quais, nesta narrativa testemunhal, dão feições à cidade.

também pela criação de relações com sujeitos, culturais e lugares que modifiquem as marcas trazidas. Além disso, essa “identidade” – tal qual um signo linguístico que não apenas remete à ideia que ele substitui (trazendo à presença a ausência de algo), mas também ao que ele não é – não pode ser reduzida a si mesma (*idem*, mesmidade), nem a uma noção de transcendentalidade, uma vez que não há sentidos fixos colados a ela, mas, ao contrário, eles estão sempre deslizando e carregando sinais de diferença (alteridade), diferimento e adiamento, de modo a implicar que o sujeito se inclua e se exclua, ao mesmo tempo, de participar de certas “classes” (DERRIDA, 2002; SILVA; HALL; WOODWARD, 2009). Assim, linguisticamente, Denner se particulariza dentro da categoria dos estudantes de Coimbra, à medida que ele não é Paulo, Antônio ou Otávio, nem japonês, chileno ou espanhol, nem vem de Itatiba, Belo Horizonte ou Maceió, trazendo a diferença como produto da sua identidade. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2009)

Nessa mudança para Portugal, trazendo ao olhar uma percepção outra sobre a vida - assinalada pela história pessoal, pela cultura à qual esteve exposto, pelos valores familiares e sociais -, ao chegar a Coimbra e ser arremessado numa sucessão de estranhamentos, conhece “diversas outras coisas que [ele] não imaginava”, que se escancaram, sobretudo, para quem vem de fora e começam a se inserir na construção da banalidade da nova vida cotidiana do sujeito, afetando-o, marcando-o, transformando-o e reorganizando-o espacial, temporal e subjetivamente. Assim, mais intensa do que a estranheza identificada à volta é a que torna o jovem também um estranho, um diferente, não apenas para os nacionais, mas também um “estrangeiro para si mesmo” (KRISTEVA, 1994). Por desenvolver esta capacidade de autorreconhecimento, é capaz de valorizar as formas de alteridade as quais lhe surgem na relação, de modo que as diferenças acabam por se tornar traços de proximidade com o outro, portanto um reconhecimento de igualdade.

Logo, a cidade de Coimbra se ressignifica por meio das relações metonímicas que o rapaz estabelece com o povo dentro dela, personificando-se, assim, como um Grande Outro³, quase como uma entidade de vontades, que lhe deu o privilégio de tê-lo “escolhido” para residir e estudar, portanto, a quem deve respeito, reverência e gratidão por esses e outros benefícios proporcionados no acolhimento. Se a cidade de Aracaju põe um traço⁴ na sua narrativa e identidade, a de Coimbra parece tatuar-se nele com mais profundidade ainda, destacando-se em seu discurso como “uma das melhores coisas que já [lhe] aconteceram” na vida, inclusive porque lá ele se torna um mestrando em Engenharia Química. A reciprocidade de energias entre o corpo dele e esse espaço vivido da geografia é manipulada como uma verdade na linguagem que os une na temporalidade narrativa. Quando ele enuncia: “Coimbra me fez muito, e por isso eu quero fazer muito por Coimbra também no futuro”, marcando a primeira oração com o pretérito perfeito “fez”, coloca Coimbra como sujeito da ação que recai intensamente sobre si pelos efeitos do advérbio “muito”. Em momento posterior, introduzindo a consequência dos privilégios usufruídos, a conjunção “por isso” marca a reciprocidade das intenções do rapaz que, então, assume o lugar de sujeito não apenas do verbo “querer”, mas também da palavra, da linguagem, da sua vida, desejando, retribuir-lhe, no porvir, no auge de sua maturidade, o que recebeu.

Assim, ao se inscrever na tradicional Cidade do Conhecimento e dos Estudantes, famosa por nomear uma das Universidades mais antigas da Europa, Denner se reinscreve não

³ Para Lacan (1955, *apud* LEBRUN, 2004), o Grande Outro assumiria a função de pai simbólico, instaurando a realidade psíquica do sujeito por inseri-lo no registro simbólico.

⁴ Esse traço no sujeito é uma arque-escrita mental imprescindível à significação, sendo anterior à corporificação em um significante, como pontua Derrida (1973).

apenas na própria linguagem, mas sobretudo na semântica da noção de “experiência”:

Eu acho que... uma coisa que eu gosto muito é... é o fato de Coimbra ser uma cidade pequena. Sabe? Uma cidade pequena, ela consegue transmitir muito mais humanidade às pessoas. Este senso de: “estamos todos juntos, mais ou menos é uma classe que se conhece toda”. Então, a gente trabalha mais em comunidade melhor. É... é, é muito, muito mais saudável viver numa cidade pequena do que numa cidade grande onde as pessoas não estão preocupadas se você está passando... andando... caminhando... se você está bem, se as coisas na sua casa estão fixas. Sabe? Aqui, eu acho que tem essa questão do ser mais interpessoal... as coisas. Você sabe uma rota que tá andando, você prepara... “Tu tá bem hoje?” Sei lá... a gente consegue fazer uma diferença maior na vida das pessoas. E eu acho que é por isso que eu gosto muito dessa cidade.

Já morei em cidades bem maiores em que... eu não sinto isso. E é uma das coisas que eu mais sinto falta porque calor humano é importantíssimo. Nós vivemos em uma sociedade e... a nossa varia conforme a quantidade de redes que a gente faz. Então, é necessário viver em sociedade e é bom. É gostoso, ainda mais quando a gente faz alguma coisa por ela que é perceptível.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjdQ> Acesso em: 16 fev. 2021.

Vindo de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, para uma cidadezinha, no interior de Portugal, cinco vezes menor em termos populacionais, Denner aprende a atribuir significados e valores aos acontecimentos mais triviais do cotidiano, experienciando as relações interpessoais, parece que com mais vivacidade do que antes, ou, como ele diria, com mais “calor humano”. Ao comparar a vida em Coimbra com a que teve em cidade grande, ele sugere ter encontrado lá qualidade e fecundidade das experiências, à medida que as coisas se desaceleram, abrindo espaço para que o habitual volte a ganhar espaço na ordinariade dos dias. “Uma cidade pequena”, para ele, “consegue transmitir muito mais humanidade às pessoas”, afinal existe um senso de “estamos todos juntos” porque “é uma classe que se conhece toda”, “que trabalha mais em comunidade”. Sua percepção de que “é muito, muito mais saudável viver numa cidade pequena do que numa cidade grande”, em que as preocupações giram em torno do ego de cada um, é asseverada por algumas reflexões teóricas com as quais dialogamos a seguir.

De acordo com Agamben (2008), a vida cotidiana nas grandes cidades e a existência passiva dos sujeitos colabora para o esvaziamento da experiência e até a destruição dela, visto que em tais lugares há constantes avalanches de tarefas, informações e pessoas com as quais os sujeitos se relacionam. Já o sociólogo Simmel (1976, p.12) aponta que “[a] metrópole altera os fundamentos sensoriais da vida psíquica”, já que nela há quantidades imensas de estímulos nervosos, fazendo com que tudo se altere muito rapidamente, causando uma desestabilização emocional a quem a ela está exposto. Como consequência, o psiquismo desses sujeitos reage, adotando, como mecanismo de proteção mental para continuarem a viver nesta sociedade, uma postura nefasta de distanciamento, superficialidade e indiferença nas relações. Simmel (1976) denomina esta incapacidade de reação ao que acontece à volta de “atitude blasé”, sendo redutora de tudo a um estado de inutilidade, inclusive, dos próprios sujeitos.

Por outro lado, a vida em cidades menores suscita a aproximação e a interação humanas, como o próprio Denner sugere ser possível “fazer uma diferença maior na vida das pessoas” em Coimbra, afinal o ritmo de vida desacelerado contribui para que os acontecimentos afetem camadas subjetivas mais profundas (da memória). O narrador já se mostra bastante

transformado por este novo estilo de vida que o conquista e o marca, que o lembra de que “o calor humano é importantíssimo”, ensinando-o – não pelo discurso, mas pela vivência prática – de que a existência se dá em sociedade, portanto se torna imprescindível “se repatriar” para que se volte a habitar “redes” comunitárias, fazendo algo “perceptível” para o bem comum. Além disso, a sua língua(gem) também começa a se hibridizar, tal como sua identidade, pela língua-cultura portuguesa (europeia), trazendo não apenas a palavra “fixes”, mas outras que vão aparecendo ao longo de sua narrativa de mudança.

Eu já sofri muito com o preconceito lá, mas por coisas banais que... enquanto aqui a malta não está nem se importando com que você veste, com que você pensa, com que você faz à noite. Só quer saber, tipo assim, quem é você, o que você produz e sua relevância no seu meio. E isso é importante, sabe, porque deixa todo um *background* que, realmente, não nos interessa em termos práticos para trás, livrando a gente de qualquer preconceito. E isso é uma coisa que eu aprendi cá. Eu não era assim. Eu... eu quando vim para cá, eu vim com a cabecinha (coloca as mãos na lateral dos olhos, simulando antolhos de cavalos) bem fechada, as coisas eram muito complicadas. E isso é uma coisa que eu mais agradeço à cidade: foi ter essa oportunidade de mudar o meu senso de percepção das coisas. Obrigada, Coimbra (juntando as mãos como se estivesse rezando).

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjdQ_ Acesso em: 16 fev. 2021.

Mais que um deslocamento espacial, do que uma mudança de país, Denner empreende uma desconstrução de olhar sobre o outro, sobre si e sobre o mundo, à medida que se relaciona com um povo que lhe parece não avaliar as pessoas pelas aparências ou por aspectos irrelevantes que não interferem nas contribuições sociais delas; moldando-se, pois, a partir dessa nova relação de alteridade, que deixa cada vez mais rastros em sua identidade heterogênea e em sua língua. Não sabemos até que ponto, de fato, o preconceito não se assinala nas interações, porque é quase impossível não haver algum fragmento dele, no entanto reparamos ser algo bem menos evidente no imaginário do jovem, dando-lhe a impressão, inclusive, de não existir, já que não mais sofre situações de caráter preconceituoso. Concluímos que, na sociedade na qual quem vem de fora, sendo estranho e diferente, se sente mais bem acolhido e igual do que naquela onde foi gerado, há possibilidade de abertura para que o sujeito se torne também um outro pela valorização das singularidades. Pela linguagem verbal, o rapaz consegue simbolizar, parcialmente, esta experiência metamórfica subjetiva que ganha força e veracidade no discurso, embora ainda precise do auxílio de gestos para tentar significá-la por completo: “E isso é uma coisa que eu aprendi cá. Eu não era assim. Eu... eu quando vim para cá, eu vim com a cabecinha (coloca as mãos na lateral dos olhos, simulando antolhos de cavalos) bem fechada, as coisas eram muito complicadas”. Assim, deixa implícito que, após esta abertura de pensamento e de percepção – oportunidade ocasionada pelas experiências em Coimbra - as coisas parecem ter se descomplicado. Logo, Coimbra é representada por ele como se fosse o Outrão - que lhe serve de contraponto para a criação de deslocamentos, de desconstruções e de reconfigurações desta sua identidade movediça – com o qual aprende a conviver com a estrangeiridade que habita em si e no outro, semelhante. Com “uma religiosidade filosófica”, ele agradece à “entidade” cidadina a abertura libertária de seu pensar, que o livra de ter a “cabecinha” anterior - reparamos no efeito depreciativo do uso do diminutivo - para a descoberta da alteridade. Além disso, em sua narrativa, assistimos ao esforço do jovem de fazer a travessia do estado de natureza semiótica bruta dos signos latentes às suas experiências para o registro simbólico da linguagem.

Como interlocutor e membro de um lugar fronteiriço culturalmente na academia, Denner relata sobre a atuação na Associação Brasileira de Pesquisadores Brasileiros em Coimbra, bem como sobre a (não) integração de brasileiros na Universidade.

Ham... atualmente, também participo da Associação de Pesquisadores de Estudantes Brasileiros em Coimbra. Fui eleito por uma margem de dois votos, 51,02%. Mas lá está, o importante é ser eleito e rever isso para os meus representados. A... a Associação de Pesquisadores de Estudantes Brasileiros existe desde 2004. E ela parte do princípio de, realmente, ser a voz dos estudantes brasileiros e dos habitantes desse ecossistema cá em Coimbra. Agora que a gente está assumindo a APEB, a gente quer dá outra repagi... a gente quer uma repaginada, a gente quer dar outra visão a essa associação. Por quê? Porque a gente pode perceber que, nos últimos anos, a cultura dos brasileiros em ciclos, em cursos do primeiro e do segundo ciclo tem aumentado drasticamente. E hoje nós somos a malta do primeiro e do segundo ciclo, nós somos muito mais do que a malta que cá... que cá existe do terceiro ciclo.

Estima-se, hoje, que, basicamente, 20% da universidade é feita de alunos internacionais. A APEB, ela está aqui para isso para tentas sanar um pouco dessa,... dessa barreira cultural que nós temos da integração entre os próprios brasileiros com os portugueses porque... se eu acho que tem uma coisa que é muito má é essa malta que vem para cá... e tem uma experiência curta, sei lá... de seis meses fazendo intercâmbio ou um ano até o curso todo... e não conseguem perceber a vossa identidade cultural. Não conseguem conversar com português ou até com outros europeus e pessoas de diversas partes do mundo porque ficam num ciclo muito fechado dessa malta que vem com esse mesmo intuito. Entendeu? E eles perdem por não viver muitas dessas experiências “legal” que tem de sair com os portugueses e... e ir a convívios e a jantares.... E, sei lá, perceber um pouquinho da cultura que parece muito, mas não é igual. Entendeu? Nós ainda carregamos muito de vocês na nossa identidade... e bem... eu gosto muito de ser assim, sabe? E, ainda voltando para cá, reafirmando um pouco essas coisas...

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjpgQ> . Acesso em: 16 fev. 2021.

A fim de que os alunos brasileiros não fiquem à margem do sistema educacional da Universidade portuguesa e se integrem, a APEB foi criada, como o próprio Denner diz para “ser a voz dos estudantes brasileiros e dos habitantes desse ecossistema cá em Coimbra”, propondo práticas de transnacionalidade e transculturalidade, como diria Bhabha (1998), que propõem o deslocamento de fronteiras entre os estudantes das duas nações, visando a um hibridismo cultural e articulação das diferenças, de modo que seja possível encontrar um espaço limiar para se habitar culturalmente. Portanto, ele como representante desta Associação “de travessias”, ora se coloca enunciativamente como brasileiro “nós somos a malta do primeiro e do segundo ciclo, ora se distante desse grupo e se coloca mais próximo do dos portugueses quando diz “a gente pode perceber que, nos últimos anos, a cultura dos brasileiros em ciclos...”. Nestes entre-lugares assumidos, o rapaz vai moldando sua identidade culturalmente híbrida e interminável no discurso, a despeito de notar que muitos estudantes brasileiros mantêm erguida uma barreira cultural na integração. Como a bagagem que carrega consigo destes anos em Coimbra é positiva, daí seu entusiástico interesse em lhes incentivar a experienciarem o convívio com o outro cultural português, europeu ou vindo de outras partes do mundo. Para ele, estudantes

brasileiros que insistem em permanecer “num ciclo muito fechado” perdem a oportunidade de transitar culturalmente, deixando de terem encontros e experiências com aquilo que lhes é diferente, de se tornarem também outros, o que não implica tentarem ser iguais a ele, mas se abrirem para que ele faça parte de si, afinal somente é possível se fazer sujeito a partir da relação de alteridade que se estabelece com o outro, pois é no espelho do olhar deste outro que é possível se ver. (LACAN, 1998, *apud* CORACINI, 2008)

Por meio da análise de suas experiências práticas cotidianas e de comportamento dos colegas, ele torna narrável o conhecimento das banalidades do dia-a-dia que lhe passa pelo corpo e dialoga com nosso interesse enquanto acadêmicos, à medida que compreende que o mesmo da identidade não se instala como o igual, o fixo, mas se abre para uma cadeia infinita de significantes, deixando advirem outros sentidos, produzindo-se com a heterogeneidade da *différance*⁵, ou seja, trazendo sempre traços de união e de diferença. “E, sei lá, perceber um pouquinho da cultura que parece muito, mas não é igual. Entendeu? Nós ainda carregamos muito de vocês na nossa identidade... e bem... eu gosto muito de ser assim, sabe? E, ainda voltando para cá, reafirmando um pouco essas coisas...” Apesar disso, o rapaz deixa escapar a crença de que há tanto uma identidade coletiva portuguesa “a vossa identidade” quanto uma brasileira “a nossa identidade” que se marca pela outra, no entanto, de acordo com Anderson (1996, *apud* CANDAU, 2016), elas são apenas representações e generalizações construídas narrativamente a partir do modo como os membros do grupo se imaginam quanto à sua origem, à sua história e à sua natureza. Portanto, as representações são as formas mais próximas do que se poderia pretender de uma “memória coletiva” compartilhada, denominada por Candau (2016) como metamemória. Segundo coloca o autor:

[P]arece-nos abusivo utilizar as expressões “identidade cultural” ou “identidade coletiva” para designar um suposto estado de um grupo inteiro quando apenas uma maioria dos membros desse grupo compartilha o estado considerado: de fato, mesmo que nos limitássemos a um estado exclusivamente “protomemorial”⁶ descarto a possibilidade de que *todos* os membros do grupo compartilhem esse estado. (CANDAU, 2016, p.26 e 27)

Assim, também não basta que os integrantes “de uma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquiridas quando de sua socialização primeira, maneiras de estar no mundo que contribuem a defini-los”, já que há “jogos muito mais sutis do que expor passivamente hábitos incorporados” cujas regras se estabelecem nas “relações, reações e interações sociais” (CANDAU, 2016, p. 27). Apesar disso, esse tipo de retórica holista - generalização que “intui sobre a existência de uma memória coletiva ou de uma identidade cultural no interior de um grupo, a partir da observação sempre singular dos indivíduos” (CANDAU, 2016, p.28) - pode sempre colaborar para compreendermos a relação do rapaz com essa realidade outra.

⁵ Conceito da desconstrução derridiana por meio do qual se tenta assinalar os sentidos simultaneamente presentes e ausentes de um vocábulo por um processo de diferimento e adiamento de sentidos (DERRIDA, 2002).

⁶ A protomemória seria um dos três tipos de memória que Candau (2016) propõe existirem, sendo ela de baixo nível porque está intrinsecamente relacionada à noção de hábito, rotinas, costumes introjetados no nível pessoal que condicionam o corpo, porém dissolvida no coletivo, uma vez que, por mais que grupos e sociedades a compartilhem, não é unânime entre todos os membros.

Então, puxando dentre os fios de sua memória pessoal⁷ uma recordação, marcada pelo afeto com seu pai e pela cidade, bem como pelo esquecimento, o rapaz, trazendo-a para o presente de sua fala, conta:

Queria dizer a você que um dos melhores dias da minha vida foi o dia do cortejo em que eu estive em cima de um carro... Digamos que eu não lembro 50% do que se passou naquela tarde. Hahahaha.... Mas, sinceramente, foi uma das melhores experiências que já tive cá. Eu fui um pouco esperto porque.... a quantidade de vinho que tinha no nosso carro eu escondi e deixei para o meu pai. O velho “tava” aqui. Então, isso era bem engraçado porque eu coloquei um chapéu vermelho nele onde dava para ver... eu em cima do carro dava para ver em qualquer sítio. Era só chamar: “pai, vem!” Aí nisso ve... uma foto bem emblemática nossa... que é, tipo, eu em cima do carro com aqueles vinhos do continente de 5 litros, aquele que ninguém “qué bebê”.... Hahaha... E eu lá em cima a carregar a torneira... e meu pai ah.... Hihihhi... Eu eu acho bem fixe essa foto porque mostra um pouco, tipo assim, dá... a mistura das minhas duas vidas: a vida que eu tenho lá, a proximidade que eu tenho com o meu pai de fazer esse tipo de brincadeira, totalmente inserida no contexto conimbricense, num contexto coimbrio, sabe? E isso, e essa é uma das cenas que me faz ir além, ir buscar mais coisas... porque, realmente, quando eu consigo juntar os dois mundos é uma experiência muito boa. E já estou esperando “eles” cá na queima desse ano novamente porque eles querem me ver de cartola e de bengala. É...

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjdQ> . Acesso em: 16 fev. 2021.

Por mais que o sujeito se esforce por dar coesão narrativa à sua recordação no movimento de revisitação que faz, essa memória – escritura subjetiva como sugeriu Freud ([1925] 1976) em *Uma Nota sobre o Bloco Mágico* – surge na trama discursiva ainda fragmentada, faltando tanto partes como pequenas amarrações linguísticas e, quiçá, coisas que não pertencem ao plano discursivo, embora se evidencie claramente uma sequencialização temporal. Sobre a narração do evento, além da materialidade linguística, surge uma foto como elemento gatilho que desencadeia a rememoração da cena passada e da forte relação pai e filho que extrapola o *flash* do instante: “eu em cima do carro com aqueles vinhos do continente de 5 litros, aquele que ninguém qué bebê.... Hahaha... E eu lá em cima a carregar a torneira... e meu pai ah.... Hihihhi...” No desenrolar do tempo vivido da memória daquele dia do cortejo em Coimbra, em que eles interagem, criando um momento histórico juntos, a percepção do acontecimento se dá na relação dos corpos com um espaço vivido: o rapaz em cima do carro e o pai embaixo tomando o vinho jogado. A despeito de ser apenas um meio de transporte, naquele instante, o automóvel se entranhou na memória como traço de lugar habitado, ao ancorar a relação afetiva com os corpos. Logo, tempo e espaço aparecem como elementos organizadores dessa experiência vivida (RICOEUR, 2007), por meio da qual emerge um sentimento de pertença que se constrói no limiar dos dois mundos em que habita: Brasil e Portugal (Coimbra). Logo, “[a] correlação entre habitar e construir produz-se assim num terceiro espaço” (RICOEUR, 2007, p. 158), enquanto alguns rastros do passado da experiência vivida, guardados na mente e na fotografia, penetram no presente com a linguagem, sendo mediada por signos.

⁷ Essa memória, composta por lembrança de caráter autobiográfico (de um evento), permeada por sentimentos, sensações, afecções e esquecimentos, é denominada por Candau (2016) de memória de alto nível.

A narrativa se torna, então, para o rapaz, a forma primeira de interpretar os rastros deixados pelas suas experiências tanto em Coimbra quanto na visita do pai, tornando mais tangível o acesso às suas memórias (ARFUCH, 2018) e às representações que faz dela, sendo, pois, um modo de (re)inventar a ficção de si. Nela, ele monta a seleção e organização das lembranças que deseja dar destaque e perenidade, inscrevendo isso que o constitui nas tramas narrativas, conforme o modo como ele pensa ter vivido os acontecimentos, muito embora:

a memória (seja) constituída de um sem-número de espectros, de fantasmas, de espíritos se assim quisermos, de fragmentos de sujeitos que atravessa(ra)m nossa existência e que vão constituindo arquivos, ora mais, ora menos organizados, segundo a função que desempenha(ra)m na vida de cada um. Na maioria das vezes, eles se misturam, se combinam, se confundem, constituem uma rede de fios emaranhados, cuja origem heterogênea e híbrida permanece, desconhecida, no inconsciente (CORACINI, 2010, 129)

Assim, fotografia e discurso se entremeiam posteriormente ao acontecimento para compor os arquivos da memória “sempre incompleta, sempre faltosa, de certa maneira verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa” (CORACINI, 2010, p. 130) a qual, ao longo do tempo, produz esta identidade narrativa imaginária. A capacidade performática da linguagem faz com que ele reviva situações íntimas com o pai para além do discurso, da memória e do esquecimento “é uma das cenas que me faz ir além, ir buscar mais coisas”.

Então, tecendo o arremate desta narrativa testemunhal, o jovem diz:

Uma frase que eu gosto muito aqui é... que aparece bastante nas canções aqui: “uma vez Coimbra, para sempre saudade” É impressionante... toda vez que eu saio desta cidade, toda vez que eu vou para outro sítio, seja assim... voltar para casa no Brasil, passar as minhas férias lá ou pegar, ir fazer uma viagem de estudo, trabalho ou até mesmo diversão aqui na Europa... Toda vez que eu volto, tô no autocarro, tô no comboio e eu passo e eu vejo a “Cabra” lá, me dá... um sentimento de... felicidade, sabe? Eu me sinto amparado por ela. Então, é isso. Eu acho que... eu ainda quero tatuar a “Cabra” no corpo, escolher o sítio... alguma coisa... porque revela muito da minha identidade. Hoje em dia, eu, sinceramente, sem sombra de dúvidas, vou levar para a vida, sabe?

O *boom* de experiência pessoal, acadêmica, profissional que essa cidade me deu... para mim, hoje em dia, é imensurável, sabe? Eu devo muita coisa a ela e... bom... vou, vou tentar deixar alternativas de retribuir todo esse amor, todo esse acolhimento, todas essas boas energias que essa cidade me dá e que, hoje em dia, me faz ir além porque ela... muito mais que... te fazer sentir bem, ela tem que ser uma promotora do seu crescimento. E ainda continua assim. Percebo que tem muitas coisas erradas na cidade, na própria universidade em si, mas que, com luta, com trabalho a gente vai mudando e construindo... e fazendo, fazendo... e vamos fazer desse lugar um lugar melhor para todos os estudantes, pensando no pa... é... olhando para trás e vendo o passado incrível que nós temos, mas também olhando para o futuro para tentar prever as coisas que por aí virão para que a gente, realmente, seja, tipo assim, um ponto de mudança na sociedade positivo, um ponto, um ponto positivo de mudança na sociedade.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjdQ> . Acesso em: 16 fev. 2021.

É em Coimbra, cidadezinha do interior de Portugal, que Denner, estudante estrangeiro brasileiro, sente-se acolhido e tem, a partir da nova relação cotidiana - a qual lhe parece imersa numa temporalidade mais calma e numa espacialidade mais intimista - o “boom de [suas] experiência[s] pessoal[is], acadêmica[s] e profissional[is]”, trazendo-as para o plano discursivo. Como um Outrão, um pai simbólico, que o desloca da mudez da infância de suas experiências para inseri-lo no sistema linguístico normativo, em que se faz falante, Coimbra se institui como estranho que o confronta com diferenças, instaurando a alteridade para este sujeito, cuja identidade passa a ser assinalada pelas relações com ela. Daí, inclusive, o desejo de ele de tatuar, em seu corpo, o ícone da Cabra, afamada torre do século XVIII da Universidade de Coimbra, que remete não apenas à sua vida estudantil, mas à própria cidade, como se fosse preciso uma forma de reiterar visualmente algo que já está lá, inscrito na subjetividade: “eu ainda quero tatuar a “Cabra” no corpo, escolher o sítio... alguma coisa... porque revela muito da minha identidade”. Logo, quando se descoloca para outros lugares, seja a casa no Brasil seja em outras regiões de Portugal e da Europa, Coimbra se faz presente na falta que lhe faz, a qual tenta preencher e não consegue. Sua felicidade pelo regresso está associada ao desejo por Coimbra, esse estranho familiar que se entranhou na biografia que vem tecendo, e ao impulso lhe ela lhe dá para ser sujeito não apenas da sua fala, mas também da sua narrativa e da sua vida. Para ele, a palavra “Coimbra” não faz mera referência à cidade, e sim à construção de toda uma cadeia de significantes atrelada à fecundidade de suas experiências por lá.

3 (In)conclusões

Chegando às (in)conclusões deste artigo, destacamos que nosso breve gesto de interpretação não teve a intenção de uma análise exaustiva da narrativa testemunhal do estudante, mas a de pincelar algumas questões que nos pareceram interessantes em torno da linguagem e da memória na construção imaginária da identidade (fragmentada e cindida) desse jovem brasileiro que se relaciona singularmente com a cidade de Coimbra. Entendemos que o modo como Denner se afeta e se transforma por esse Outrão é diferente dos demais estrangeiros que para lá vão. A despeito disso, a compreensão de sua narrativa é um modo de nos aproximarmos de uma dessas identidades que está em constante movimento de construção, sempre advindo, a partir da linguagem, na historicização das experiências citadinas com o outro, acumuladas na memória cujo acesso é sempre exclusivo e fragmentado. Todavia, sabemos que os sujeitos nunca estão livres das representações de uma suposta memória coletiva, existente em seus imaginários, as quais incidem em suas identidades particulares. Talvez, neste caso específico, seja possível até mesmo ouvi-las ressoarem na máxima proverbial que aparece não apenas nas canções conimbricenses, mas na boca dos estudantes como resultado dessa autoridade que as experiências vividas lhes deixaram: “uma vez Coimbra, para sempre saudade!”.

Referências

AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

- BHABHA, H. K. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: *O local da cultura*. Trad. M. Ávila; E. L.L. REIS; G. R. GONÇALVES. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CORACINI, M. J. Escrit(ur)a do corpo no corpo da escrita: da palavra à vida-morte. In: TFOUNI, L. V. (org.). *Múltiplas faces da autoria*. Ijuí-RS: Unijuí, 2008.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: editora Perspectiva, 2002.
- DOCUMENTÁRIO sobre Estudantes Estrangeiros em Portugal. Produção: Ana Catarina Pinto; Jorge Brito; José Miguel Forte. Coimbra: "Produção de Conteúdos para Documentários" da Escola Superior de Educação de Coimbra., 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjdQ>>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FREUD, S. Uma nota sobre o bloco mágico. In: *Ed. standard bras., vol. XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GASTON, S. *Derrida*. Porto Alegre-RS: Artmed Editora S.A., 2012.
- KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, 1994.
- LEBRUN, J.P. *Um mundo sem limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- RICOEUR, P. Fase documental: a memória arquivada. In:_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SILVA, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ANEXO – TRANSCRIÇÃO DO RELATO SELECIONADO NO “DOCUMENTÁRIO SOBRE ESTUDANTES ESTRANGEIROS EM PORTUGAL”

“Olá, meu nome é Denner Déda Araújo Nune. Sou brasileiro, tenho 23 anos, quase 24. Sou natural de Aracaju, Sergipe. Faço mestrado integrado em Engenharia Química aqui em Coimbra. Estou no quinto ano e me envolvo com diversas outras coisinhas mais. Não é? Não escolhi Coimbra. Coimbra me escolheu. E hoje... foi... com certeza, uma das melhores coisas que já me aconteceram na vida... foi vir para essa cidade, foi ver essa abertura cultural que eu não imaginava ter, foi ter se confrontado com diversas outras coisas que eu não imaginava. Sabe? Coimbra me fez muito, e por isso eu quero fazer muito por Coimbra também no futuro.

Eu acho que... uma coisa que eu gosto muito é... é o fato de Coimbra ser uma cidade pequena. Sabe? Uma cidade pequena, ela consegue transmitir muito mais humanidade às pessoas. Este senso de: “estamos todos juntos, mais ou menos é uma classe que se conhece toda”. Então, a gente trabalha mais em comunidade melhor. É... é, é muito, muito mais saudável viver numa cidade pequena do que numa cidade grande onde as pessoas não estão preocupadas se você está passando... andando... caminhando... se você está bem, se as coisas na sua casa estão fixas. Sabe? Aqui, eu acho que tem essa questão do ser mais interpessoal... as coisas. Você sabe uma rota que tá andando, você prepara... “Tu tá bem hoje?” Sei lá... a gente consegue fazer uma diferença maior na vida das pessoas. E eu acho que é por isso que eu gosto muito dessa cidade.

Já morei em cidades bem maiores em que... eu não sinto isso. E é uma das coisas que eu mais sinto falta porque calor humano é importantíssimo. Nós vivemos em uma sociedade e... a nossa varia conforme a quantidade de redes que a gente faz. Então, é necessário viver em sociedade e é bom. É gostoso, ainda mais quando a gente faz alguma coisa por ela que é perceptível.

Enquanto aqui a gente tem muito mais apelo para a investigação e a gente tem condições realmente boas, relativamente boas para que as coisas possam ocorrer tanto a investigação quanto a extensão e o próprio ensino que é o próprio tripé da universidade, lá... aqui eu tenho todo um departamento que é estruturado e pensado – talvez não da melhor forma (risos) – mas para todo estudante de Engenharia Química. Lá, o que eu observava é que nós temos um corredor com alguns laboratórios armengados – não sei se vocês entendem essa palavra – que, de alguma forma e com muito trabalho as pessoas que lá estão conseguem desenvolver pesquisas, mas não de tanta eficiência quanto os que estão cá. Entendeu? A questão também da modernização, a gente aqui também vê isso mais presente, embora eu acho que está muito atrasado ainda. É uma coisa que nós devemos repensar para o futuro. Mas a questão da modernização das salas de aula, dos conteúdos programáticos... Eu acho que aqui a gente tá uns 10 a 15 anos à frente de lá nesse quesito ainda. Falta para o Brasil ter um pouco de maior percepção da importância da ciência-tecnologia que não é um gasto, é um investimento. O país cresce, as pessoas crescem, ... a qualidade de vida melhora, entendeu? Eu acho que é isso que é importante.

Eu já sofri muito com o preconceito lá, mas por coisas banais que... enquanto aqui a malta não está nem se importando com que você veste, com que você pensa, com que você faz à noite. Só quer saber, tipo assim, quem é você, o que você produz e sua relevância no seu meio. E isso é importante, sabe, porque deixa todo um background que, realmente, não nos interessa em termos práticos para trás, livrando a gente de qualquer preconceito. E isso é uma coisa que eu aprendi cá. Eu não era assim. Eu... eu quando vim para cá, eu vim com a cabecinha (coloca

as mãos na lateral dos olhos, simulando antolhos de cavalos) bem fechada, as coisas eram muito complicadas. E isso é uma coisa que eu mais agradeço à cidade: foi ter essa oportunidade de mudar o meu senso de percepção das coisas. Obrigada, Coimbra (juntando as mãos como se estivesse rezando).

Ham... atualmente, também participo da Associação de Pesquisadores de Estudantes Brasileiros em Coimbra. Fui eleito por uma margem de dois votos, 51,02%. Mas lá está, o importante é ser eleito e rever isso para os meus representados. A... a Associação de Pesquisadores de Estudantes Brasileiros existe desde 2004. E ela parte do princípio de, realmente, ser a voz dos estudantes brasileiros e dos habitantes desse ecossistema cá em Coimbra. Agora que a gente está assumindo a APEB, a gente quer dá outra repagi... a gente quer uma repaginada, a gente quer dar outra visão a essa associação. Por quê? Porque a gente pode perceber que, nos últimos anos, a cultura dos brasileiros em ciclos, em cursos do primeiro e do segundo ciclo tem aumentado drasticamente. E hoje nós somos a malta do primeiro e do segundo ciclo, nós somos muito mais do que a malta que cá... que cá existe do terceiro ciclo.

Estima-se, hoje, que, basicamente, 20 % da universidade é feita de alunos internacionais. A APEB, ela está aqui para isso para tentas sanar um pouco dessa,... dessa barreira cultural que nós temos da integração entre os próprios brasileiros com os portugueses porque... se eu acho que tem uma coisa que é muito má é essa malta que vem para cá... e tem uma experiência curta, sei lá... de seis meses fazendo intercâmbio ou um ano até o curso todo... e não conseguem perceber a vossa identidade cultural. Não conseguem conversar com português ou até com outros europeus e pessoas de diversas partes do mundo porque ficam num ciclo muito fechado dessa malta que vem com esse mesmo intuito. Entendeu? E eles perdem por não viver muitas dessas “experiências legal” que tem de sair com os portugueses e... e ir a convívios e a jantares.... E, sei lá, perceber um pouquinho da cultura que parece muito, mas não é igual. Entendeu? Nós ainda carregamos muito de vocês na nossa identidade... e bem... eu gosto muito de ser assim, sabe? E, ainda voltando para cá, reafirmando um pouco essas coisas...

Queria dizer a você que um dos melhores dias da minha vida foi o dia do cortejo em que eu estive em cima de um carro... Digamos que eu não lembro 50% do que se passou naquela tarde. Hahahaha... Mas, sinceramente, foi uma das melhores experiências que já tive cá. Eu fui um pouco esperto porque... a quantidade de vinho que tinha no nosso carro eu escondi e deixei para o meu pai. O velho tava aqui. Então, isso era bem engraçado porque eu coloquei um chapéu vermelho nele onde dava para ver... eu em cima do carro dava para ver em qualquer sítio. Era só chamar: “pai, vem!” Aí nisso ve... uma foto bem emblemática nossa... que é, tipo, eu em cima do carro com aqueles vinhos do continente de 5 litros, aquele que ninguém qué bebê... Hahaha... E eu lá em cima a carregar a torneira... e meu pai ah.... Hihih... eu eu acho bem fixe essa foto porque mostra um pouco, tipo assim, dá... a mistura das minhas duas vidas: a vida que eu tenho lá, a proximidade que eu tenho com o meu pai de fazer esse tipo de brincadeira, totalmente inserida no contexto conimbricense, num contexto coimbrício, sabe? E isso, e essa é uma das cenas que me faz ir além, ir buscar mais coisas... porque, realmente, quando eu consigo juntar os dois mundos é uma experiência muito boa. E já estou esperando eles cá na queima desse ano novamente porque eles querem me ver de cartola e de bengala. É...

Uma frase que eu gosto muito aqui é... que aparece bastante nas canções aqui: “uma vez Coimbra, para sempre saudade” É impressionante... toda vez que eu saio desta cidade, toda vez que eu vou para outro sítio, seja assim... voltar para casa no Brasil, passar as minhas férias lá ou pegar, ir fazer uma viagem de estudo, trabalho ou até mesmo diversão aqui na Europa... Toda

vez que eu volto, tô no autocarro, tô no comboio e eu passo e eu vejo a “Cabra” lá, me dá... um sentimento de... felicidade, sabe? Eu me sinto amparado por ela. Então, é isso. Eu acho que... eu ainda quero tatuar a “Cabra” no corpo, escolher o sítio... alguma coisa... porque revela muito da minha identidade. Hoje em dia, eu, sinceramente, sem sombra de dúvidas, vou levar para a vida, sabe?

O *boom* de experiência pessoal, acadêmica, profissional que essa cidade me deu... para mim, hoje em dia, é imensurável, sabe? Eu devo muita coisa a ela e... bom... vou, vou tentar deixar alternativas de retribuir todo esse amor, todo esse acolhimento, todas essas boas energias que essa cidade me dá e que, hoje em dia, me faz ir além porque ela... muito mais que... te fazer sentir bem, ela tem que ser uma promotora do seu crescimento. E ainda continua assim. Percebo que tem muitas coisas erradas na cidade, na própria universidade em si, mas que, com luta, com trabalho a gente vai mudando e construindo... e fazendo, fazendo... e vamos fazer desse lugar um lugar melhor para todos os estudantes, pensando no pa... é... olhando para trás e vendo o passado incrível que nós temos, mas também olhando para o futuro para tentar prever as coisas que por aí virão para que a gente, realmente, seja, tipo assim, um ponto de mudança na sociedade positivo, um ponto, um ponto positivo de mudança na sociedade”.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a8JEO1yjpdQ>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 01/06/2021